

OK  
Amd. Parteiros  
quando

São Paulo, domingo, 01 de abril de 2001

Parteiros

Envie esta notícia por e-mail para assinantes do UOL ou da Folha

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## SAÚDE

Região registrou em 1998 cerca de 150 mortes maternas por 100 mil bebês, contra 38 por 100 mil nascidos no país

Parteiras do norte de Goiás recebem treinamento

LISANDRA PARAGUASSÚ

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Na comunidade calunga, no norte de Goiás, os moradores não vivem muito diferente dos seus antepassados - escravos que montaram um quilombo há mais de cem anos à margem do rio Paranã. Nos três povoados do território, os mais de 4.000 moradores não têm água encanada, luz elétrica nem médicos.

Nascimento de crianças é trabalho para parteiras. Porém, no contato com moradores de outras regiões, as mulheres calungas foram "avisadas" de que não podiam fazer partos. E ficaram com medo. "Diziam que, se uma mulher ou um bebê morresse, a gente seria culpada", diz Santina Gertrudes Pereira, 66, parteira de mais de 20 bebês.

Fazer as parteiras calungas mudarem de idéia virou questão de saúde pública. Nos últimos três meses, uma equipe de médicos e agentes da Secretaria da Saúde de Goiás e da Fundação Nacional de Saúde começou um trabalho na comunidade para convencer as calungas a assumirem a profissão de parteira e a receberem treinamento para cuidar das mulheres.

"Na primeira reunião que fizemos, reunimos as mulheres e perguntamos quem era parteira. Ninguém queria assumir", lembra Albineiar Plaza Pinto, médica e professora da Universidade Federal de Goiás, responsável pelo programa com os calungas.

Albineiar conta que, depois de muita insistência, uma das calungas entregou a ela um papel com a lista de todas as mulheres que ela ajudou no parto. "Fiz a conta e eram 103", diz.

O programa de treinamento começou a ser planejado no final de 1999. A intenção era reduzir os índices de mortalidade infantil e materna. A taxa estava entre as mais altas de Goiás.

Segundo Albineiar, a região noroeste do Estado -composta, em boa parte, por território calunga- registrou em 1998 uma taxa de cerca de 150 mortes maternas por 100 mil bebês nascidos vivos.

No Brasil, a taxa no período foi 38 mulheres mortas para 100 mil crianças nascidas vivas.

"Começamos a trabalhar em 97 com os agentes de saúde, mas, por uma questão cultural, elas não falavam de seus problemas com eles porque eram todos homens", diz a médica.

As parteiras eram parte essencial do projeto devido à distância da comunidade.

Na semana passada, a Folha visitou o grupo chamado Vão do Moleque, um dos três que existem dentro do território, com técnicos de saúde.

De Campos Belos (450 km de Brasília), uma das cidades próximas, até o local são 150 quilômetros em uma estrada de terra onde é comum os ônibus - que passam apenas duas vezes por semana- não conseguirem passar. Para chegar à estrada, é necessário atravessar o rio Paranã.

"As parteiras, depois do treinamento, poderão ser capazes de acompanhar a grávida, enviá-las para fazer o pré-natal na cidade e identificar quando uma delas precisa ter o filho no hospital", explica Albineiar.

[Texto Anterior](#): Falta estratégia para se relacionar com ex-alunos

[Próximo Texto](#): Moradora diz que teve de aprender com medo

[Índice](#)

Procópio (parteira)